

RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA E DESENVOLVIMENTO

Fernando Augusto Ramos Pontes

Michel Jean C. Dubois

Departamento de Psicologia Experimental/UFPA

Simone Souza da Costa Silva

Departamento de Fundamentos da Educação/UFPA

Resumo: Na psicologia do desenvolvimento, questões clássicas acerca dos determinantes relacionais do desenvolvimento e de sua reversibilidade ainda estão como ponto de pauta. Independente da teoria que esteja em discussão, pode-se dizer que existem duas posições básicas acerca destas questões: a primeira diz que as relações construídas pelos sujeitos ao longo de suas vidas são conseqüentes de suas primeiras relações; a segunda postula o desenvolvimento enquanto um processo mutável sem caminho fixo ou pré-determinado pelas primeiras experiências, sujeito a toda sorte de alterações socioculturais. Tomando-se por base a teoria do apego, segundo a qual a relação mãe-criança ocupa papel de destaque na história de vida do ser humano, será discutida a contribuição da mãe e da criança no estabelecimento do apego.

Palavras-chave: relação mãe-criança, desenvolvimento da criança, teoria do apego.

THE MOTHER-CHILD RELATIONSHIP AND DEVELOPMENT

Abstract: In development psychology, traditional questions concerning parental determinants of development and their reversibility are still controversial topics. Regardless of the theory in question, there exists two positions bearing on these issues: the first maintains that the type of relationship shown across the life span is a consequence of these primary relationships; the second views development as a changing process with no outcomes predetermined by early experience, and subject to various sociocultural forces. This article discusses these two positions within the context of attachment theory.

Key words: mother-child relationship, child development, attachment theory.

Ao longo de sua história, a psicologia do desenvolvimento tem se colocado diante de questões polêmicas, tais como: Qual a importância da relação mãe-criança para o desenvolvimento? O quanto as primeiras relações marcam o desenvolvimento? Se as primeiras relações são marcantes, até que ponto são mutáveis ou reversíveis ao longo dos anos?

Até recentemente, na psicologia do desenvolvimento, predominaram duas posições básicas acerca dessas questões. Por um lado, houve uma tendência em pensar que as relações construídas pelos

sujeitos ao longo de suas vidas são conseqüências de suas primeiras relações; por outro lado, uma tendência que postula o desenvolvimento enquanto um processo mutável sem caminho fixo ou pré-determinado pelas primeiras experiências, sujeito a toda sorte de alterações socioculturais.

Dentro de uma ou de outra perspectiva, o evolucionismo colabora com a investigação sobre a relação de apego mãe-criança, já que a teoria da evolução considera que o específico de cada espécie deve-se, em grande parte, ao que ficou

impresso nos organismos no decorrer de sua história filogenética. Deste modo, pode-se compreender como este comportamento com suas características peculiares evoluiu ao longo da história da espécie humana.

ASPECTOS EVOLUTIVOS DA RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA

Não é necessário ser um especialista para perceber que o ambiente onde o ser humano vive atualmente é bastante diferente daquele em que ocorreu a constituição das características básicas desta espécie, caracterizado por um longo período de tempo, por um modo de vida baseado na caça e coleta. No entanto, segundo Carvalho (1989) esta evidência não impede e não elimina a necessidade de se considerar as pressões seletivas presentes no decorrer da filogênese que poderão auxiliar na compreensão do comportamento humano, já que

o *Homo sapiens* de hoje é, biologicamente, a mesma espécie que existia há pelo menos 50 mil anos, e que veio se constituindo ao longo de pelo menos dois milhões de anos, ainda que nos últimos dez mil anos, com o surgimento da agricultura, o modo de vida da espécie tenha se alterado de forma acelerada. Carvalho, (apud Rabinovich, 1992).

Pode-se compreender, de uma forma um tanto resumida, que a história evolucionária da espécie humana é marcada por dois momentos fundamentais: a postura ereta e a comunicação verbal. De acordo com Bussab (1989), os primeiros registros fósseis sugerem a presença de bipedalismo por volta de quatro a três milhões de anos atrás. Com a postura ereta, ocorreram alterações essenciais que marcaram definitivamente a relação mãe-criança,

pois esta nova posição permitiu que as mãos fossem liberadas e a abertura pélvica se tornasse mais estreita, favorecendo a movimentação das fêmeas. As mãos liberadas da fêmea ampliaram as suas possibilidades de atuar, tocar, agarrar, atirar e, principalmente, carregar o filhote. Além disso, a perda dos pêlos do corpo exigiu que a mãe humana agisse ativamente carregando seu filhote, Mellen (apud Rabinovich, 1992), possivelmente visando efetuar uma termorregulação do corpo.

Além da emergência da posição ereta, houve o desenvolvimento do cérebro que passou de 775 para 1029 cc (Bussab, 1989). Com um cérebro maior e com uma passagem pélvica menor, o bebê humano teve que nascer precocemente e continuar seu crescimento fora do útero, provocando o nascimento de bebês humanos frágeis, comparando-os aos outros primatas. Isto provocou um conjunto de alterações sociais nos grupos de primatas humanos. A presença de um macho adulto tornou-se necessária para cuidar das crianças, além da mãe, no ambiente de savana onde ficavam expostos a perigosos predadores durante o Pliopleistoceno. Mellen (apud Rabinovich, 1992).

Alguns antropólogos acreditam que a família humana surgiu com o *Homo erectus*, entre um milhão e seiscentos a quatrocentos mil anos atrás. É possível que a família monogâmica já existisse no tempo do *Homo erectus*, e que o desaparecimento do estro da fêmea fora essencial para essa forma de organização, Washburn & Lancaster (apud Rabinovich, 1992). Apesar de parecer simples, a divisão sexual do trabalho, uma característica que vem acompanhando os grupos humanos ao longo da filogênese, exige, de acordo com Bussab (1989), complexas habilidades cooperativas. Segundo esta

autora, os membros do grupo traziam os alimentos obtidos para um local usado como moradia onde dividiam os itens alimentares.

A reciprocidade econômica (troca de bens entre indivíduos) criou um novo conjunto de vínculos interpessoais. O fato de os machos caçarem) as fêmeas coletarem, e os produtos serem trocados e dados aos filhotes, pode ter se tornado a base da família humana, Washburn & Lancaster, (*apud* Rabinovich, 1992).

Embora entenda que a divisão do alimento coletado nos acampamentos tenha fornecido a base do amor e das relações sociais em geral, Mellen (*apud* Rabinovich, 1992) considera que há outros fatores, além dos econômicos, que contribuíram para o aparecimento da família. O autor sugere que a sobrevivência da criança proto-humana é o que justifica os vínculos entre machos e fêmeas e o desenvolvimento do afeto paterno, além de ser a principal razão de homens e mulheres terem a tendência a se amarem.

Essa visão foi compartilhada por Bowlby (1969a), segundo a qual a função básica do apego mãe-criança era a proteção contra os predadores. Fundador da teoria do apego, o pesquisador concebia o vínculo mãe-filho como uma variável determinante do desenvolvimento infantil.

IMPORTÂNCIA DAS PRIMEIRAS RELAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO

A concepção de que as relações afetivas existentes no contexto familiar, especialmente as mantidas entre mãe e filho, são fatores determinantes da personalidade adulta, foi introduzida na psicologia devido à influência da teoria psicanalítica.

Bowlby (*apud* Ainsworth, 1991) criticou a teoria psicanalítica e afirmou, por não encontrar nada que o auxiliasse na análise dos dados empíricos na referida literatura, ter entrado em contato com a bibliografia etológica através dos trabalhos de Lorenz sobre estampagem no qual considera que as impressões iniciais marcam o sujeito e exercem forte influência sobre o desenvolvimento. Em consonância com estas idéias, Bowlby postulou que os primeiros anos constituem um período sensível em que predomina a relação mãe-criança, constituidora em grande parte do desenvolvimento do sujeito.

Segundo Bowlby (1969b), existe uma forte relação causal entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos. Para o teórico, o funcionamento mental é um processo relativamente estável dentro dos indivíduos, além de ser transmitido através das gerações. O autor sugere que as condições que contribuem para o desenvolvimento ou não do apego incluem a sensibilidade da figura que cuida do bebê para responder aos seus sinais e a quantidade e natureza da interação entre os componentes do par.

Tal como Bowlby (1969a), Ainsworth (1969) observou evidências que sugeriam fortemente que o padrão de apego dirigido por uma criança à mãe é em alto grau conseqüência de cuidados maternos que ela recebe. Assim, construiu uma escala cujo objetivo era avaliar o nível de sensibilidade da mãe. Este instrumento parte de uma minuciosa descrição de características de mães responsivas e não responsivas. No geral, Ainsworth (1969) considera que a aceitação, a cooperação, a acessibilidade e a sensibilidade são componentes básicos que constituem a responsividade materna expressa na

atenção dada pela mãe aos sinais do bebê, além de interpretação precisa aos mesmos, respostas apropriadas e tempo da resposta. Partindo destes componentes, classificou as mães em: altamente sensíveis, sensíveis, inconsistentemente sensíveis, insensíveis e altamente insensíveis.

Com base na noção de que a relação com a mãe influencia no padrão de apego infantil, Ainsworth, no período entre 1966-67, construiu um instrumento de avaliação deste vínculo que reformulou a metodologia de pesquisa sobre apego e se tornou conhecido em 1978 com a publicação de seu livro, no qual apresentava este instrumento sob a denominação de Situação Estranha (SE).

O SE foi estruturado de maneira bastante rígida, envolvendo uma seqüência fixa de oito episódios de curta duração (mais ou menos três minutos cada), em que a criança enfrenta um ambiente estranho, primeiro com a mãe e depois na sua ausência, seja sozinho ou na presença de um desconhecido. Dentre estes episódios, estão incluídas duas separações da mãe e conseqüentemente dois reencontros. O comportamento da mãe e do estranho são controlados por instruções escritas e através da própria estruturação dos episódios. Os comportamentos da criança são avaliados, conforme uma escala de sete pontos, nas seguintes categorias: busca de proximidade e contato, manutenção de contato, interação a distância, busca da pessoa ausente, resistência, esquiva ao contato e ambivalência.

Ao analisar seus resultados, Ainsworth (1969) dividiu os bebês em três grupos: os seguramente apegados, os inseguramente apegados e os não apegados. No entanto, estes últimos eram os mais jovens da amostra e possivelmente estavam apenas atrasados no seu desen-

volvimento. Os bebês seguramente apegados choravam pouco ou menos se a mãe estivesse ausente ou parecesse que ia embora. Sua principal característica era de serem ativos nas brincadeiras, de buscarem contato quando afligidos por uma separação, de serem prontamente confortados e logo voltarem a absorver-se nas brincadeiras e em atividades exploratórias. Considerou ainda que os bebês seguramente apegados construíram um modelo de mãe disponível mesmo na ausência de sua visão, e por isso protestavam menos na separação e eram mais receptivos no reencontro.

Em geral, os bebês inseguramente apegados choravam muito na ausência e mesmo na presença da mãe*. Por isso, classificou os bebês inseguros em: ansiosos/esquivos e ansiosos/ambivalentes ou resistentes. Na separação, os esquivos eram indiferentes a suas mães e na reunião não buscavam o conforto nestas, colocando-se em posição contrária a elas ou movendo-se em direção oposta; eram também mais propensos ao comportamento de raiva. Os ambivalentes/resistentes sempre mostravam aflição e choro diante da separação e, na reunião, exibiam uma mistura de raiva e busca de proximidade, ao mesmo tempo em que apresentavam uma incapacidade de serem confortados por suas mães quando estas tentavam lhes acalmar.

Com o objetivo de avaliar a estabilidade do padrão de apego e a transmissão deste em três gerações, Benoit & Parker (1994) realizaram um estudo longitudinal com 96 crianças, mães e avós destas. Em termos metodológicos, usaram o procedimento SE para avaliar o apego nas crianças e o Adult Attachment Interview

* Para Ainsworth toda insegurança provoca ansiedade.

(AAI) para avaliar o padrão de apego nos adultos.

O AAI constitui um instrumento elaborado por Main & Kaplan (*apud* Das Eiden, Teti, Corns, 1995), com objetivo de avaliar o padrão de apego nos adultos, consistindo na descrição pelo sujeito de suas relações com pessoas no início da vida, de eventos relacionados às figuras de apego, de memórias da infância e avaliação da relação com a figura de apego no presente. O foco principal deste instrumento, segundo Simpson & Rholes (1988), é determinar como as informações sobre as antigas figuras de apego estão estruturadas, organizadas e armazenadas. A análise da entrevista baseia-se, acima de tudo, na procura de uma coerência geral na representação das questões relacionadas ao apego (ex: os elementos memorizados apoiam ou contradizem as avaliações mais gerais de sentimento e experiência?).

De acordo com Main & Kaplan (*apud* Benoit & Parker, 1994), o padrão de apego no adulto pode ser classificado da seguinte forma: adultos autônomos, adultos indiferentes e adultos preocupados. Os autônomos são indivíduos pensativos que valorizam suas experiências e relações de apego, e examinam com tranquilidade os efeitos positivos e negativos de suas experiências primitivas sobre seu desenvolvimento. Os indiferentes são sujeitos que afirmam não poder lembrar de suas primeiras experiências e as consideram sem valor; quando solicitados para descrever sua história pessoal, apresentam relatos idealizados de suas primeiras experiências, embora apresentem histórias de rejeição precoce. Os preocupados são confusos em relação a suas experiências familiares, lembram-se de suas primeiras experiências, mas em geral não conseguem

apresentar um relato coerente; em geral, em suas relações atuais, marcadas por intensos sentimentos de raiva, mostram-se extremamente dependentes das figuras paternas.

Os resultados de Benoit & Parker (1994) sugerem que o padrão de apego é estável e transmitido de uma geração a outra em torno de 75% dos casos. De modo que mulheres autônomas apresentam condições de terem filhos autônomos e conseqüentemente netos seguros, mulheres indiferentes apresentam boa probabilidade de terem filhos indiferentes e netos esquivos; e mulheres preocupadas provavelmente terão filhos preocupados e netos resistentes.

PESQUISAS RECENTES SOBRE RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA

A teoria do apego tem oferecido bases para o desenvolvimento de pesquisas que correlacionam a relação mãe-criança com diferentes variáveis, como capacidade cognitiva (Boom, 1994), habilidades sociais na escola (Howes, Hamilton, Philipsen, 1998; Howes & Hamilton, 1992), formação de vínculos afetivos na vida adulta (Watters, 1998; Watters & Gao, 1998), etc. Porém, este texto limitar-se-á em apresentar apenas as pesquisas que correlacionam as qualidades maternas com o desenvolvimento do apego.

Com o objetivo de verificar a associação existente entre o padrão de apego da mãe e o comportamento infantil, Fonagy, Steele, Steele (1991) administraram o AAI a cem mulheres grávidas do primeiro filho; um ano depois aplicaram o Strange Situation (SS) às mães com seus bebês. Verificaram que os modelos internos de apego (autônomos, indiferentes e

preocupados) apresentavam correspondência em 75% dos casos com o padrão de apego estabelecido um ano depois na relação mãe-criança.

Com o intuito de verificar o quanto a forma de funcionamento materno influencia no padrão de apego apresentado pela criança, Belsky & Isabella (1991) observaram as díades mãe-criança e perceberam que aquelas cujas crianças se apresentavam, de acordo com a classificação de Ainsworth (1969), seguramente apegadas, mantinham relações de reciprocidade e mutualidade com a figura materna. Em contraposição, as díades em que se desenvolviam relações inseguras caracterizavam-se por interações em que as mães estavam minimamente envolvidas e pouco responsivas aos sinais do bebê.

Com objetivo semelhante ao dos autores citados anteriormente, Crowell & Feldman (1988) observaram 65 díades mãe-criança pertencentes a um grupo clínico e a um grupo não-clínico. Cada díade foi avaliada em uma sessão experimental semi-estruturada em que os sujeitos tinham os dez primeiros minutos livres, seguidos por quatro tarefas, cuja dificuldade era graduada pela díade e mais dois minutos de separação seguida da reunião. Os resultados demonstraram que as crianças pertencentes à amostra clínica eram trazidas em 85% dos casos por mães que tinham um modelo de relação inseguro.

Essa concepção linear de desenvolvimento em que dado comportamento da mãe produz determinado padrão de apego na criança que se estende às demais relações tem intrigado muitos pesquisadores. Bateson (1981), discutindo a questão do período sensível, considera que a estampagem é um processo em que vários tipos de preferências podem ser determi-

nadas pela experiência. No entanto, a influência dos eventos externos sobre o período sensível é muito forte. Referindo-se a Hinde (1962-1970), que investigou relação entre mãe-filhote, entende que este período é multideterminado e surge da interação entre fatores internos e externos.

Segundo o autor após aparente finalização do período sensível, prolongadas exposições a novos objetos podem conduzir o desenvolvimento para novas preferências. Portanto, a existência de preferências estáveis duradouras no início da vida não excluem a possibilidade de se estabelecer outras preferências posteriormente. Então, determinantes das primeiras experiências podem coexistir com eventos subsequentes.

Para Cairns (1977), os efeitos da estampagem são reversíveis. A autora entende que as experiências vividas pela criança na relação com a mãe durante o período sensível não são determinantes, e afirma que a compreensão dos intercâmbios sociais entre os indivíduos não pode ser focalizada exclusivamente na relação de apego.

Apesar da existência de pontos de vista que divergem dos postulados centrais da teoria do apego, depois de trinta anos de pesquisa os pesquisadores permanecem se perguntando se as características da mãe realmente influenciam na qualidade do apego infantil e se sensibilidade materna é, de fato, uma condição importante para o desenvolvimento do apego seguro. De Wolf & Van Ijzendoorn (1997) analisaram 27 pessoas que estavam ativamente envolvidas com a pesquisa sobre o apego há muitos anos, sendo que a metade da amostra tinha o título de doutor na área. O objetivo do trabalho de 1997 era identificar as conclusões obtidas pelos sujeitos em suas pesquisas a res-

peito da relação sensibilidade materna-apego seguro. Eles consideram que ao tentar replicar o trabalho de Ainsworth, Blehar, Water, Wall (1978) alguns estudos têm produzido fraca associação ao usarem uma metodologia frágil. Muitos pesquisadores têm restringido suas observações a uma simples visita domiciliar, alguns têm usado uma breve avaliação de laboratório, De Wolf & Van Ijzendoorn (*apud* Frodi, Grolnick, Bridges, 1985) enquanto outros incluem entrevistas para avaliar atitude positiva dos pais em direção à criança (Benn, 1986).

No geral, De Wolf & Van Ijzendoorn (1997) notaram que as pesquisas atestam a associação entre a sensibilidade materna e o desenvolvimento do apego, porém esta não é uma condição exclusiva, já que outros atributos da mãe exercem forte influência sobre o desenvolvimento do apego, como, por exemplo, a mutualidade e a sincronia. A sensibilidade tem perdido a posição privilegiada enquanto um fator causal importante. Este é um atributo importante, mas limitado preditor do apego seguro.

Thompson (1997) comentando a meta análise de De Wolf & Van Ijzendoorn (1997), considera que a sensibilidade é formada pela ecologia dos pais, isto é, a qualidade da relação do casal, ambiente de trabalho, valores sociais compartilhados, etc. Cowan (1997), analisando a meta-análise de 1997, sugere que a análise do apego dentro do sistema familiar permitiria identificar as variáveis contextuais, tais como a relação do pai com a criança, que, combinadas, reduziriam ou ampliariam o elo entre o comportamento materno e o apego infantil.

Um trabalho, cujos resultados são ilustrativos da posição de Cowan (1997), foi desenvolvido por Ward & Carlson (1995).

Os autores investigaram 99 adolescentes grávidas de seu primeiro filho, com o objetivo de examinar a correspondência entre o padrão de apego nas mães e a qualidade do apego infantil. As adolescentes foram entrevistadas em duas sessões, sendo que na primeira eram feitas perguntas sobre seu nível sócio-educacional, eventos estressantes de suas vidas, etc.; e na segunda, foi conduzido o AAI. Por volta do décimo quinto mês de idade, as crianças foram observadas no SS para avaliar o apego mãe-criança. Os resultados não demonstraram um elo entre a sensibilidade materna e o apego infantil. Encontrou-se freqüentemente mães adolescentes sensíveis que tinham filhos com apego ansioso. Isto sugere que medidas padronizadas da sensibilidade materna não são apropriadas para populações onde há múltiplos cuidadores.

Na tentativa de verificar a força exercida pelas primeiras experiências na vida adulta, Das Eiden, Teti, Corns (1995) usaram como sujeitos mulheres que possuíam uma boa relação com o companheiro e mulheres que tinham conflitos com seus parceiros. Utilizando-se do AAI, foi possível classificar os sujeitos em: 60% autônomas, 21% indiferentes e 10% preocupadas. De acordo com os trabalhos de Benoit & Parker (1994), era de se esperar que os filhos dessas mulheres apresentassem um padrão de apego correspondente com o tipo de personalidade identificado pelo AAI. No entanto, utilizando-se do procedimento SE observaram que crianças filhas de mulheres classificadas como inseguras, mas que tinham boa relação com o parceiro, apresentavam-se seguramente apegadas; do mesmo modo, crianças filhas de mulheres autônomas, mas que apresentavam um relacionamento instável com o companheiro também mostra-

vam-se seguramente apegadas ao filho.

Os autores sugerem a possibilidade de que, ao constituir uma família, os sujeitos envolvidos ajustem seu modo de ser ao do outro. Portanto, é provável que mulheres com história de insegurança, ao estabelecer um vínculo afetivo seguro, tornem-se mais capazes de se oferecer ao seu filho enquanto uma base segura de apego. Por outro lado, os autores não conseguiram analisar consistentemente os sujeitos que tinham casamentos instáveis e filhos seguros.

O estudo demonstrou que a suposta estabilidade do padrão de apego sugerida por Benoit & Parker (1994) não é passível de generalização. Assim, Das Eiden, *et. al.* (1995) apontaram para a necessidade de se pensar o vínculo mãe-criança dentro de um contexto social, econômico e afetivo definido. A necessidade apontada por estes autores justifica-se, pois parte do princípio de que a vida cotidiana atua sobre o padrão de apego, sendo que esta varia de acordo com o contexto no qual se está inserido. Portanto, diferentes contextos atuam sobre a relação mãe-criança, produzindo formas diferentes de apego.

Posada & Jacobs (1999) verificaram a associação entre sensibilidade materna e apego seguro em diferentes contextos. Seus sujeitos pertenciam a dois grupos, sendo o primeiro formado por 41 díades mãe-criança pertencentes à classe média de Bogotá, Colômbia, havendo 19 meninos e 22 meninas, entre 8 e 19 meses; e o segundo formado por 43 díades mãe-criança pertencentes a uma população extremamente pobre desta capital, que, se encontravam hospitalizadas, sendo 23 meninos e 20 meninas, entre 12 e 60 meses. Foram feitas quatro visitas (domiliares e hospitalares), em momentos dife-

rentes, por vários observadores diferentes. Duas visitas eram destinadas a avaliar o cuidado materno e duas o apego infantil. Foram usados o Maternal Behavior Q-set (um roteiro de avaliação constituído de uma descrição minuciosa do comportamento de cuidado materno) para avaliar a sensibilidade materna e o Attachment Q-set (um roteiro de observação do apego infantil que contém detalhadamente os comportamentos da criança apegada).

As observações desses autores indicaram que diferentes comportamentos são expressos em diferentes contextos. Em casa, as mães estavam cientes dos sinais de seus bebês, respondendo-lhes prontamente, acertadamente e consistentemente, interagindo face-a-face com seus filhos, monitorando-os; estruturavam o ambiente considerando as necessidades da criança. No hospital, as mães também indicavam que estavam cientes dos sinais de seus bebês, interpretando corretamente, prontamente, acertadamente e consistentemente aos sinais infantis. Neste contexto, as mães eram cuidadosas em ajustar a postura de seus filhos: exibiam afeição ao tocá-los, estavam alertas à sujeira das fraldas, tentando prover experiências que oferecessem algum alívio às crianças.

Os resultados encontrados na classe média e na amostra muito pobre indicam que a associação entre sensibilidade e segurança não é específica de um grupo social. No entanto, comportamentos de cuidados que demonstram a sensibilidade materna podem variar de acordo com o contexto em que ocorrem, provavelmente porque a sensibilidade materna é contingente aos sinais e necessidades do bebê.

Rabinovich (1992) desenvolveu uma pesquisa que seria a primeira de uma série de trabalhos realizados pela pesqui-

sadora, cujo foco principal era investigar a influência do contexto sobre a relação de apego e conseqüentemente sobre o desenvolvimento. Para esta pesquisadora, investigar o contexto implica estudar a rede de significações que contextualizam o desenvolvimento infantil, isto é, casa, família, rede material e relacional que “informará” o próprio desenvolvimento.

A autora comparou alguns aspectos do desenvolvimento, tais como: mamar, andar, morar e dormir, de crianças de Vila Madalena, em São Paulo, com crianças Kung, grupo nômade que vive no deserto de Kalahari no Sul da África. Através dos dados referentes a estes aspectos, foi possível inferir sob a relação de apego existente entre mãe-criança e perceber que o vínculo existente entre estes sujeitos variava de acordo com o modo de vida presente em cada cultura. Observou a existência de três contextos físicos que se traduzem no modelo de casas e que possibilitam o aparecimento de três contextos relacionais diferentes. No primeiro, modelo privatizado de morar, compartimentalizam-se as atividades, objetos e pessoas. Há um predomínio das intermediações e dos processos de comunicação secundários: palavras, e não gestos ou toques. As relações e interações tendem a se dar através de objetos intermediários que funcionam como objetos transicionais, complementando e substituindo relações interpessoais. Já o modelo coletivizado é sintético, pois o todo tende a prevalecer sobre as partes. Nele, a ausência de intermediações, como corredores, tende a intensificar a comunicação das partes. As relações dão-se diretamente entre os agentes, não havendo lugares muito certos para as coisas e pessoas, embora haja hierarquias e estruturas segundo sexo, idade, status, etc. O modelo

semi-coletivizado mantém características dos modelos anteriores.

Em outro estudo realizado em 1994 com 20 famílias, cujas casas estavam localizadas sob um viaduto da cidade de São Paulo, Rabinovich observou diferentes motivos que podem influenciar na falta de cuidados oferecidos pela mãe à criança. Notou que alguns bebês não eram estimulados, talvez por crenças culturais, já que a maioria dos pais pesquisados eram de origem nordestina onde haveria um padrão cultural decorrente do alto índice de mortalidade infantil. Nesta região, os pais esperavam que a criança alcançasse o primeiro ano de vida para investirem nela, visto que estariam mais seguros de sua sobrevivência. Outra razão que pareceu colaborar com a apresentação de cuidados inadequados foi a condição intra-subjetiva de algumas mães, mulheres “despossuídas”, privadas de afeto, ânimo e esperança, que podiam afetar a maneira de cuidar adequadamente de seus filhos.

Embora tenha observado padrões diferentes de cuidados e interações afetivas dentro do mesmo contexto, Rabinovich (1994) entende que este contexto favorecia o apego, a socialização e o desenvolvimento infantil inicial, a menos que a mãe se encontrasse em um estado subjetivo que lhe imobilizasse ao ponto de não cuidar de seu filho.

Ao realizar um estudo em 1995 na zona do Cocal, Piauí, com crianças, suas famílias e suas casas, Rabinovich utiliza o termo nicho para se referir a contexto de desenvolvimento e considera que este é constituído por três componentes básicos: os contextos físicos e sociais da vida cotidiana, os costumes de cuidados regulados culturalmente e o modo dos pais compreenderem o desenvolvimento e

a educação. Juntos, estes fatores constroem modos peculiares de relação mãe-criança que dificultam o estabelecimento de critérios comportamentais que apontem para classificações universais do apego.

CONCLUSÃO

As investigações em torno da relação mãe-criança são antigas. Desde o início do século, já se perguntava sobre o impacto desta relação no desenvolvimento. Freud construiu um incrementado sistema teórico sustentado na noção de que o comportamento adulto nada mais é do que a repetição de protótipos infantis.

O estudo desses vínculos afetivos tomou uma nova direção com os trabalhos mais sistemáticos de Bowlby que, embora concordasse com Freud, achava que os psicanalistas gastavam muito tempo com fantasias infantis e davam pouca atenção aos eventos reais experimentados pelos sujeitos na atualidade.

Durante os últimos anos, muitas pesquisas foram realizadas dentro da perspectiva de Bowlby. No entanto, alguns trabalhos têm tentado ir além dos postulados básicos da teoria do apego. Os pesquisadores têm direcionado sua atenção no sentido de verificar o que, além das primeiras relações, influencia o desenvolvimento. Resultados preliminares indicam que a relação de apego ocupa um papel de destaque na história de vida do sujeito, porém não é uma variável determinante do desenvolvimento humano.

A psicologia continua se perguntando o que é mais importante: as primeiras experiências ou as experiências posteriores? Mais importante do que pensar em importância é investigar os mecanismos envolvidos neste jogo em que as primeiras relações são influenciadas pelas demais

experiências, atuando juntas sobre o desenvolvimento.

Apesar da psicologia ter gasto muito tempo com questões secundárias como as fantasias presentes nas relações infantis ou mesmo na importância das primeiras relações, esta revisão de literatura sugere que a ciência está cada vez mais próxima de descobrir as unidades básicas do desenvolvimento e como estas interagem. Mais do que nunca, a psicologia está se voltando para questões fundamentais das quais pode derivar um conhecimento mais consistente acerca do desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSWORTH, M.D.S. *Maternal sensitivity scale*. 1969. Stony brook. [On line]. <http://www.psy.sunysb.edu/ewaters/senscoop.hym>.
- AINSWORTH, M.D.S., BLEHAR, M.D., WATER, E., WALL, S. *Patterns of attachment*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.
- AINSWORTH, M.D.S., BOWLBY, J. Uma abordagem etológica ao desenvolvimento da personalidade. *American Psychologist*, v. 46, p. 333-341, 1991.
- BATESON, P. *Control of sensitivity to the environment during development*. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 1981.
- BELSKY, J., ISABELLA, R.A. Interactional synchrony and the origins of infant-mother attachment: a replication study. *Child Development*, v. 62, p. 373-384, 1991.
- BENOIT, D., PARKER, K.C.H. Stability and transmission of attachment across three generations. *Child Development*, 65, p. 1444-1456, 1994.

- BOOM, D.C.V.D. The influence of temperament and mothering on attachment and exploration: an experimental manipulation of sensitive responsiveness among lower-class mothers with irritable infants. *Child Development*, v. 65, 1457-1477, 1994.
- BOWLBY, J. *Apego: apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes. 1969a.
- BOWLBY, J. *Separação: apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes. 1969b.
- BUSSAB, V.S.R. Comportamento humano: origens evolutivas. In: ADES, C. *Etologia: de animais e do homem*. São Paulo: Edicon; Edusp. 1989.
- CAIRNS, R.B. *Beyond social attachment: the dynamics of interactional development*. New York: Plenum Press. 1977.
- CARVALHO, A.M.A. O lugar do biológico na psicologia: o ponto de vista da etologia. *Biotemas*, v. 2, p. 81-92, 1989.
- COWAN, P. A. Beyond meta-analysis: a plea for a family systems view of attachment. *Child Development*, v. 68, p. 601-603, 1997.
- CROWELL, J.A., FELDMAN, S.S. Mothers internal models of relationships and childrens behavioral and developmental status: a study of mother-child interaction. *Child Development*, v. 59, p. 1273-1285, 1988.
- DAS EIDEN, R., TETI. M., CORNS, K.M. Maternal working models of attachment, marital adjustment, and the parent-child relationship. *Child Development*, v. 66, p. 1504-1518, 1995.
- DE WOLFF, M.S., VAN IJZENDOORN, H.V. Sensitivity and attachment: a meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, v. 68, p. 571-591, 1997.
- FONAGY, P., STEELE, H., STEELE. M. Maternal representations of attachment during pregnancy: predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, v. 62, p. 891-905, 1991.
- HOWES, C. HAMILTON, C.E. Children's relationships with child care teachers: stability and concordance with parental attachments. *Child Development*, v. 63, p. 867-878, 1992.
- HOWES, C., HAMILTON, C.E. PHILIPSEN, L.C. Stability and continuity of child-caregiver and child-peer relationship. *Child Development*, v. 69, p. 418-426, 1998.
- POSADA, G., JACOBS A. *Maternal care and attachment security in ordinary and emergency contexts*. 1999. Stony brook. [On line]. <http://www.psy.sunysb.edu/ewaters/senscoop.hym>.
- RABINOVICH, E.P. *Modo de vida e a relação mãe-criança: o mamar e o andar, o modo de morar e o modo de dormir*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo.
- RABINOVICH, E.P. Modo de vida de crianças "sem casa" "sedentárias": suas casas, suas famílias, suas vidas. *Rev. Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 4, p. 73-79, 1994.
- RABINOVICH, E. P. O viés etnocêntrico: uma tentativa de analisar algumas questões do desenvolvimento infantil a partir do estudo de crianças do interior do Piauí. *Rev. Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 5, p. 60-65, 1995.
- SIMPSON, J.A, RHOLES, W.S. *Attachment theory and close relationships*. New York: The Guilford Press. 1988.
- THOMPSON, R.A. Sensitivity and security: new questions to ponder. *Child Development*, v. 68, p. 595-597, 1997.
- WARD, M.J. e CARLSON, E.A. Associ-

ations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant-mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development*, v. 66, p. 69-79, 1995.

WATTERS, E., GAO, Y. *Secure base behavior and attachment security in engaged couples*. 1998. Stony Brook. [On line]. <http://www.psy.sunysb.edu/ewaters/senscoop.hym>.

WATTERS, E. *Current relationship representations: relation to secure base behavior in marital interactions*. 1998. Stony Brook. [On line]. <http://www.psy.sunysb.edu/ewaters/senscoop.hym>.